

ARTIGOS

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

Governança e conflito social em tempos de pandemia¹

Cinzia Arruzza

Professora de Filosofia em
The New School for Social Research
(Estados Unidos)

Felice Mometti

Pesquisador independente

¹ Publicado originalmente na revista *Viewpoint* e republicado com a permissão da autora. Tradução de Maíra Tavares Mendes.

Resumo: o artigo analisa a conjuntura atual de pandemia global, repleta de tensões e contradições. Contradições e ambivalências que caracterizam formas de sociabilidade, combinando isolamento social com um excesso de conectividade e comunicação através de um conjunto de mídias sociais. Os autores discutem estas formas de sociabilidade dentro de um contexto da macrodinâmica em jogo e que poderiam ter efeitos sobre uma potencial composição de novas classes. Concluem apontando para os diversos processos de luta e radicalização política que emergem nesse novo contexto e sua potencialidade.

Palavras-chave: 1. Pandemia; 2. Conflito Social; 3. Crise

Abstract: the article analyzes the current global pandemic situation, full of tensions and contradictions. Contradictions and ambivalences that characterize forms of sociability, combining social isolation with an excess of connectivity and communication through a set of social media. The authors discuss these forms of sociability within the context of the macrodynamics at play and which could have effects on a potential composition of new classes. They conclude by pointing to the various processes of political struggle and radicalization that emerge in this new context and its potential.

Keywords: 1. Pandemic; Social Conflict; 3. Crisis

Greve pela vida

Na segunda-feira, 29 de março, trabalhadoras/es da General Electric organizaram um protesto (RYAN, 2020) contra as milhares de demissões anunciadas pela direção da empresa, exigindo a reconversão da produção e fazendo uma simples pergunta: “Se a GE confia em nós para construir, manter e testar motores que vão em uma variedade de aeronaves onde milhões de vidas estão em jogo, por que eles não confiam em nós para construir respiradores?” (ONGWESO JUNIOR, 2020):

Esta foi uma das muitas greves com diferentes tons de legalidade que trabalhadoras/es de vários setores têm organizado ao redor do mundo. Uma onda de greves em março forçou o governo italiano a parar a produção não-essencial, embora a batalha ainda esteja longe de ser totalmente vencida. Trabalhadoras/es de logística da Amazon e de outras empresas (CONLEY, 2020) organizaram protestos e greves na França (GUICHARD; PAILLIEZ, 2020), Itália (LOTITO, 2020), Estados Unidos (SNIDER, 2020) e outros países para protestar contra condições insalubres e falta de Equipamentos de Proteção Individual

(EPIs), enquanto trabalhadoras/es da produção não-essencial abandonaram, adoeceram ou simplesmente não apareceram para trabalhar, recusando o risco de morrerem a fim de aumentar os lucros das empresas. Chris Smalls, um dos organizadores do protesto da Amazon em Staten Island, que mais tarde foi demitido pela empresa em retaliação (COLE, 2020), bem colocou em uma carta aberta a Jeff Bezos:

“por causa da Covid-19, estão nos dizendo que trabalhadoras/es da Amazon são “a nova Cruz Vermelha”. Mas as/os trabalhadoras/es não querem ser heróis ou heroínas. Nós somos pessoas normais. Eu não tenho diploma de medicina. Eu não fui treinado para ser um socorrista. Não deveriam nos pedir para arriscar a vida para entrar no trabalho. Mas pedem. E alguém tem que ser responsabilizado por isso, e essa pessoa é você.” (SMALLS, 2020)

Trabalhadoras/es dos setores de saúde, alimentação, saneamento, varejo e transporte público cada vez mais resistem a ser enviadas/os ao abate e estão organizando vários tipos de protestos (POGGIO; MCSHANE, 2020) para lembrar ao resto do mundo que as comemorações de novos heróis da classe trabalhadora não são suficientes: não são mártires para serem santificadas/os, querem proteções e melhores condições de trabalho e salários.

Os locais de trabalho não são o único teatro de luta nestes tempos de pandemia. Inquilinas/os, muitas/os das/os quais perderam renda e empregos e vivem em áreas com várias ordens de abrigar-se em casa², estão se organizando para acabar com o pagamento do aluguel e resistir aos despejos. Presas/os estão se revoltando e protestando, do Irã à Itália e aos Estados Unidos, com medo de que as prisões se transformem rapidamente em

2 Originalmente o termo utilizado é *shelter-in-place*, expressão que remete ao ato de ficar em casa, *stay at home*, com a ressalva de na primeira expressão a saída é realizada exclusivamente para atividades essenciais, o que é menos imperativo na expressão “fique em casa”. (N. d. T.)

campos de morte por causa do vírus. Os esforços e organizações de ajuda mútua estão se multiplicando, usando intensamente as mídias sociais para coordenar esforços e atender às pessoas em extrema necessidade. Embora algumas dessas lutas e greves tenham sido realizadas ou coordenadas através de organizações políticas e sociais pré-existentes, muitas delas ultrapassam a infraestrutura organizacional anterior e estão enraizadas em comportamentos espontâneos de recusa, resistência e solidariedade, e no surgimento da auto-organização a partir de baixo como resposta a uma crise sem precedentes.

Na atmosfera surreal e suspensa que caracteriza nossa atual situação, seria fácil concentrar nossa atenção apenas na catástrofe que se desenrola diante de nossos olhos, no grito implacável de sirenes quebrando o silêncio de nossas cidades esvaziadas, na contagem de mortes e contágios, e na iminente depressão econômica. Mas este tempo estranho e ansioso em que estamos vivendo também está repleto de lutas, atos de solidariedade e processos de composição e auto-organização da classe.

O que todas estas lutas têm em comum é a simples recusa de morrer pelo capitalismo, uma recusa que revela o que o *Marxist Feminist Collective* (2020), numa declaração sobre a pandemia, rotulou de contradição entre a produção do lucro e a produção da vida ou reprodução social, no próprio cerne do capitalismo.

Ao se recusar a colocar o lucro sobre a vida, estas lutas estão abrindo pelo menos duas frentes principais de confronto. A primeira envolve a gestão imediata da pandemia e sua dimensão de classe, raça e gênero; a segunda, transformações sociais de longo prazo. Num momento em que vários países estão colocando em prática uma ou outra versão de medidas neokeynesianas para evitar o colapso econômico e a agitação social, a questão candente que enfrentamos é se essas medidas marcarão ou não o fim definitivo da era neoliberal e da austeridade: um resultado que dependerá em grande parte da luta política e social.

Sobre a governança da pandemia

A pandemia está criando uma conjuntura global em resposta à qual várias formas de luta estão surgindo e proliferando. Ao mesmo tempo, sua gestão está longe de ser homogênea nos contextos nacionais: as dinâmicas políticas nacionais têm suas próprias especificidades e geram contextos significativamente diferentes para processos de luta e subjetivação, embora no contexto de uma conjuntura global que nos conecta a todos.

Deste ponto de vista, um dos principais limites do discurso do “estado de exceção” (SOTIRIS, 2020), que focaliza os perigos de viradas políticas autoritárias ligadas à suspensão das liberdades em que o bloqueio implica, é que ele simplifica a enorme complexidade da situação atual em uma noite em que todos os gatos são pardos. Também identifica de maneira equivocada o verdadeiro terreno atual de luta em muitos países.

Em primeiro lugar, não é verdade que os governos se apresaram a adotar duras medidas de emergência e a suspender as liberdades. O contrário é verdadeiro: em muitos casos, os governos hesitaram e até se recusaram, inicialmente, a suspender o que passa a ser a normalidade capitalista. Este atraso está tendo consequências terríveis na Itália, Espanha, Estados Unidos, Reino Unido e Suécia, entre outros exemplos. Quando executivos/as finalmente decidiram instituir os *lockdowns*, o fizeram porque foram pressionados por especialistas em saúde, por medo do risco de colapso dos sistemas de saúde (em grande parte devido ao esgotamento do setor de saúde causado por décadas de cortes de austeridade e privatizações) e por protestos desde baixo, especialmente de trabalhadoras/es que se recusavam a ir trabalhar. De fato, a noção de que os Estados capitalistas teriam um interesse primordial em manter as pessoas em casa é bastante bizarra e factualmente contrariada pelas inúmeras tentativas de prever um retorno rápido a al-

guma forma de “normalidade” que permitiria que as pessoas voltassem a trabalhar (e a consumir) (HOROWITZ, 2020).

Dentro deste contexto, a pandemia tem sido de fato a ocasião para alguns governos de orientação autoritária concentrarem mais poderes dentro do executivo, como está acontecendo em países como Israel, Hungria ou Índia. Mas ainda assim não é um processo linear e automático que se aplica a todos os países governados por uma extrema-direita autoritária. No Brasil, Bolsonaro mantém posições negacionistas, mesmo tendo como resultado ficar cada vez mais isolado politicamente e estimulando a apropriação regional de poderes de emergência. Nos Estados Unidos, Trump se recusa a declarar uma ordem federal de abrigar-se em casa e insiste em conceder autonomia governamental e flexibilidade na decisão das medidas a serem adotadas. A China é um caso à parte, pois a gestão da pandemia contou com a mobilização de um aparato de poder autoritário já existente.

Ao invés de impor fórmulas abstratas sobre uma realidade complexa, é mais útil prestar atenção à experimentação de diversas formas de governança, tanto novas quanto antigas, na gestão da pandemia. Por exemplo, a inegável concentração atual de poderes dentro do executivo na Itália ou na Alemanha está causando tensões com os executivos de regiões e *Länder*,³ e ambos estão em uma relação tensa com as instituições transnacionais europeias. Nos Estados Unidos, não só não há transformação significativa na distribuição de poderes entre as instituições federais, como as políticas das administrações estaduais diferem entre si e estão, por vezes, em tensão com a abordagem incoerente da administração federal. Um exemplo notável são os vários confrontos entre Trump e o governador do estado de Nova York, Andrew Cuomo, que ascendeu ao status de contraparte de Trump, apesar de não ser o candidato democrata à Presidência. Vários Estados europeus e os Esta-

3 Expressão que designa “estados” no interior da Alemanha e Áustria.

dos Unidos estão adotando formas de governança que incluem atores específicos nos processos de tomada de decisão: setores da comunidade científica nacional, grandes corporações, instituições financeiras e conselhos empresariais nacionais. A pandemia também apresentou a oportunidade para os Estados Unidos e a China perseguirem e redefinirem suas estratégias geopolíticas. Tornou-se uma ocasião para a gestão Trump pressionar por uma mudança de regime na Venezuela (ASSOCIATED PRESS, 2020) e denunciar as já abomináveis sanções no Irã (BÂLI; HANA, 2020). A China, por sua vez, está adotando uma estratégia de *soft power* que visa expandir sua hegemonia internacional, enviando suprimentos médicos e especialistas muito necessários para dezenas de países, uma iniciativa que os Estados Unidos estão agora ansiosos para imitar: Trump se vangloria de enviar para a Itália material médico no valor de 100 milhões de dólares, mesmo enquanto os Estados Unidos lutam para encontrar máscaras faciais básicas para suas/seus trabalhadoras/es da linha de frente da saúde.

Contudo, mesmo essas experiências de governança não estão indo bem, desafiadas pela contínua antinomia entre normalidade e exceção: a normalidade do funcionamento de um modo de produção social e a exceção imposta pela pandemia à reprodução social da vida ou à normalidade da circulação através dos espaços públicos – que não pode ser totalmente eliminada – e a exceção da imobilidade dentro de espaços privados. Essas experiências de governança estão mudando continuamente, tendo que enfrentar os limites dos atuais sistemas de proteção social, de saúde antes de tudo, e que navegar na articulação entre os poderes local, nacional e transnacional. Um exemplo é a forma como a autonomia de governadoras/es dos Estados Unidos está se equiparando a leiloar respiradores uns contra os outros. Na Itália também estão ocorrendo competições por recursos entre governos regionais. É impossível prever agora como estas experiências vão evoluir, pois as variáveis em jogo são inúmeras, desde o conflito entre diferentes insti-

tuições estatais até o nível de intensidade e alcance do conflito social a partir de baixo.

O vertiginoso aumento do desemprego, o rompimento e desarranjo das cadeias de valor globais e a necessidade de reorganizar a reprodução social forçaram as instituições dos Estados Unidos e da União Europeia a tomar medidas econômicas maciças para evitar não só o colapso econômico, mas também a explosão da agitação social em resposta à depressão que se aproxima. As características que essas medidas têm em comum poderiam ser definidas como uma espécie de keynesianismo provisório e muito parcial ou “keynesianismo com data de validade”. Como escreveu Bue Rübner Hansen (2020): “Essas políticas são *ad-hoc* e concebidas para serem medidas de curto prazo, como o médico hipocrático cuja decisão (*kri-no*) agiu sobre o ponto de virada (*krisis*) na saúde do paciente. Entretanto, muito provavelmente, a Covid-19 não é um choque exógeno temporário”.

Por exemplo, em seu briefing diário na sexta-feira, 3 de abril, Trump declarou que sua gestão está planejando usar o dinheiro do pacote de estímulo para pagar os custos da internação dos pacientes da COVID-19 sem cobertura de seguro-saúde (ABELSON; SANGER-KATZ, 2020), em vez de ampliar a cobertura ou reabrir a inscrição nos mercados do Obamacare. Enquanto isso, a grande maioria do *establishment* democrata, incluindo o principal candidato nas primárias, Joe Biden, continuou a dispensar o *Medicare for All*, mesmo diante da epidemia (HIGGINS, 2020). Os US\$ 2 trilhões do pacote de estímulo dos Estados Unidos e os 750 bilhões de euros alocados pela União Europeia com a subsequente adição de US\$ 100 bilhões para complementar a renda das/os trabalhadoras/es são medidas que, apesar de sua surpreendente magnitude, não desafiam o quadro neoliberal. Além disso, não estão sendo tomadas provisões significativas para vítimas de abuso doméstico para as quais se abrigar em casa não é sinônimo de segurança; nem o aumento da carga de trabalho doméstico para as mulheres está

sendo tratado de forma alguma. Além disso, estas intervenções são frequentemente baseadas em políticas anti-imigrantes e de fronteiras fechadas, e nada está sendo feito para libertar pessoas presas em centros de detenção de migrantes e campos de refugiadas/os onde o acesso à saúde é próximo de zero e o vírus pode tirar milhares de vidas.

O objetivo claro destas medidas é a reconstituição das condições para a reprodução das relações sociais capitalistas, e certamente não a sua transformação radical. Uma intervenção no Financial Times do ex-presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi (2020), pode ser tomada como uma ilustração da lógica por trás dessa doação maciça de dinheiro nos Estados Unidos e na União Europeia. De acordo com Draghi, a crise atual não é cíclica, mas sim devido a fatores exógenos. Assim, sua receita proposta é aumentar a dívida nacional para permitir que as grandes empresas privadas possam resistir à emergência e depois voltar aos negócios como de costume. E na verdade, a maior parte dos recursos irá para empresas privadas, mas sem qualquer política séria para salvar empregos e evitar demissões, pois o pressuposto equivocado é que as empresas evitarão demissões se receberem o dinheiro e recriarão empregos perdidos quando a emergência acabar. Essa é também a lógica da suspensão temporária do Pacto de Estabilidade da Zona Euro, em que o governo alemão, entre outros, não quer abrir um precedente para uma transformação estrutural das políticas econômicas da Zona Euro rumo ao abandono da austeridade neoliberal. Se o objetivo de reconstituir as condições de reprodução do capital será alcançado ou não dependerá de uma série de fatores, incluindo dinâmicas políticas e relações de poder social.

Subjetivação e auto-organização em tempos fora do eixo

A conjuntura atual é repleta de tensões e contradições. O tempo está fora do eixo, ao mesmo tempo denso com os acontecimentos e suspenso. Contradições e ambivalências também caracterizam formas de sociabilidade, combinando isolamento social com um excesso de conectividade e comunicação através de um conjunto de mídias sociais. Não podemos prever agora como a vida social será transformada como consequência da pandemia, mas é inteiramente possível que as formas do que Foucault rotularia de “tecnologias do eu”, da subjetivação e da comunicação se tornem ainda mais híbridas do que em tempos recentes, na direção de uma maior convergência de encontros e linguagens “reais” e “virtuais”.

Estas formas de sociabilidade dentro de um contexto da macrodinâmica em jogo e descritas acima também poderiam ter efeitos sobre uma potencial composição de novas classes. Para citar apenas alguns fatores salientes: o aumento do desemprego em massa; o medo de contágio no local de trabalho e comportamentos espontâneos de recusa; a crescente visibilidade e reconhecimento social de trabalhadoras/es de serviços com baixos salários, racializadas/os e generificadas; o isolamento social; e a tênue linha entre produção e reprodução para aquelas/es que trabalham em casa e têm de se amontoar entre o aumento da carga doméstica, espaços de vida apertados, e os tempos e restrições do trabalho assalariado.

Neste contexto, diversos processos de luta e radicalização política começam a ocorrer. Mas não há receitas fáceis para explorar estas potencialidades abertas pela nova conjuntura. As próprias medidas de *lockdown* colocam novos desafios aos processos organizacionais e exigem a capacidade de reinventar formas de organização, protesto e eficácia: como tornar visível o protesto social em um momento em que suas formas tradi-

cionais – marchas de massa, comícios, etc. – estão fora de questão? Como conectar a nova onda de greves legais e selvagens (*wildcat strikes*) a outras formas de resistência e conflito, como as greves de alugueiros e a organização de ajuda mútua e formas alternativas de reprodução social? Como estas lutas sociais podem se tornar cada vez mais politizadas, elevando-se ao nível do desafio atual, o que significa enfrentar o poder do Estado e das instituições transnacionais?

Investigar novos processos potenciais de subjetivação e luta seria um primeiro passo para tentar dar uma resposta a estas questões ardentes e evitar a proposição mecânica de velhos modelos organizacionais e estratégias políticas que não levam em conta as discontinuidades e variáveis históricas. A investigação aqui deve ser entendida não apenas como uma investigação sociológica, mas como um processo de autoconhecimento, auto-organização, politização e criação comum de uma nova compreensão compartilhada de quem somos, porque e como estamos lutando.

Esta é uma tarefa urgente para se poder responder a ambas as frentes de luta mencionadas acima, ou seja, a gestão imediata da pandemia e a transformação a longo prazo das relações sociais de produção. Como argumentado por Rob Wallace e outros (2020), modelagens do vírus e previsões sobre a duração das medidas de supressão, como o relatório do *Imperial College* (FERGUSON ET AL, 2020) - que se tornou o ponto de referência para os Estados Unidos e o Reino Unido - estão fundamentadas na suposição implícita de que o quadro neoliberal não pode ser contestado. Como eles escrevem:

“Modelos como o estudo do *Imperial* limitam explicitamente o escopo da análise a questões restritas, enquadradas dentro da ordem social dominante. Por sua concepção, eles não capturam as forças de mercado mais amplas que impulsionam os surtos e as decisões políticas subjacentes às intervenções. Conscientemente ou não, as projeções resultantes colocam em segundo plano a garantia da saúde para todos, incluindo os muitos milhares das/os mais vulneráveis que seriam mor-

tas/os caso um país alternasse entre o controle da doença e a economia.” (WALLACE *et al.*, 2020).

Mas é justamente esse quadro que precisa ser superado, com dois objetivos: limitar ao máximo o número de vidas que serão tiradas pelo vírus e opor-se à estratégia do “keynesianismo com data de validade”, lutando para acabar com a austeridade neoliberal e transformar totalmente a relação capitalista entre produção e reprodução social, que subordina a vida das pessoas à acumulação de lucros.

Um dos memes que circularam nas mídias sociais italianas durante as longas semanas de bloqueio foi: “Nós vamos ficar bem”. Embora este seja um desejo compreensível, não é nada além disso. Ademais, toma implicitamente o *status quo* antes da pandemia como a normalidade à qual devemos aspirar a voltar. Sejam honestos: não há certeza de que vai dar certo, e a maneira como vivíamos antes da pandemia não era nem boa nem “normal”, pois a crise atual é consequência do capitalismo, como forma de organização social e de vida.

Ainda *podemos* acabar ficando bem. Mas isso vai depender de nós, da nossa capacidade de evitar um retorno ao normal. Se a tarefa parece assustadora, e é, podemos nos lembrar que não somos totalmente impotentes. Como disse Chris Smalls com absoluta clareza:

“E para o Sr. Bezos, a minha mensagem é simples. Eu não quero saber do seu poder. Você acha que é poderoso? Nós somos os que temos o poder. Sem nós trabalhando, o que você vai fazer? Você não vai ter dinheiro. Nós temos o poder. Nós fazemos dinheiro para você. Nunca se esqueça disso.” (SMALLS, 2020).

Referências bibliográficas

ABELSON, Reed; SANGER-KATZ, Margot. Trump Says Hospitals Will Be Paid for Treating Uninsured Coronavirus Patients. *The New York Times*. 03 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/03/upshot/trump-hospitals-coronavirus.html>. Acesso em 14 abr. 2020.

ASSOCIATED PRESS. Trump: US To Deploy Anti-Drug Navy Ships Near Venezuela. *The New York Times*. 01 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/aponline/2020/04/01/us/ap-us-venezuela-anti-narcotics-mission.html>. Acesso em 14 abr. 2020.

BÂLI, Asli U.; HANA, Aziz. Sanctions Are Inhumane - Now And Always. *Boston Review*. 26 mar. 2020. Disponível em: <https://bostonreview.net/war-security-politics-global-justice/asl%C4%B1-u-b%C3%A2li-aziz-rana-sanctions-are-inhumane%E2%80%94now-and-always>. Acesso em 14 abr. 2020.

COLE, Brendan. New York Attorney General Threatens Amazon With Legal Action After Firing Of Worker Who Led Strike Over Coronavirus Precautions. *Newsweek*. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.newsweek.com/ama>